

QUESTÃO INDÍGENA BRASILEIRA: VISTO MINHA PRÓPRIA PELE SEM MEDO

Francisco Fábio Vieira MARCOLINO¹
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
fabiovieiramarcolino@gmail.com

POTIGUARA, Eliane. **Questão indígena brasileira: visto minha própria pele sem medo**.
São Paulo: Cultura, 2024, 128 p.



Nascida em 1950, no Rio de Janeiro, com ramificação familiar no estado da Paraíba, professora formada em Letras (Português-Literaturas) e em Educação pela UFRJ, com especialização em Educação Ambiental pela UFOP, a escritora Eliane Potiguara desenvolve reconhecido ativismo político-cultural ligado aos povos originários, no âmbito nacional e internacional. Fundadora do GRUMIN / Grupo Mulher — Educação Indígena, é considerada uma das primeiras mulheres indígenas a transpor para a língua portuguesa traços da cultura e da ancestralidade ameríndias. Publicou, entre outros, **A terra é a mãe do índio** (Grumin Edições, 1989), **O pássaro encantado** (Jujuba Editora, 2002), **A cura da terra** (Editora do Brasil, 2015), **Metade cara, metade máscara** (Grumin Edições, 2018). Este último, publicado inicialmente em 2004, representa uma denúncia sobre a

¹ Doutor em Letras (Literatura e Cultura) pela Universidade Federal da Paraíba (2013). Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

diáspora indígena, conforme análise de Graça Graúna (2013), inserida no livro **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**.

No livro **Questão indígena brasileira: visto minha própria pele sem medo**, que retoma aspectos e poemas de **Metade cara, metade máscara**, Eliane Potiguara configura um tipo de manifesto étnico-poético em defesa dos povos indígenas, da preservação dos biomas e da convivência harmoniosa entre as diversidades culturais, a começar pelo subtítulo da obra: “visto minha própria pele sem medo”, no qual o termo “pele” se distende semanticamente em “*pele*” da etnia (referente à luta em assumir a identidade Potiguara) e em “*pele*” de papel (sugerindo a projeção da literatura indígena em livro).

Na abertura da obra, a autora atualiza uma linha do tempo contendo a história de resistência heroica dos povos indígenas para assegurar a demarcação de seus territórios, ocupados há milênios pelos povos da floresta. Esse choque entre as culturas ameríndias e a cultura etnocêntrica dispara uma história marcada por genocídios, epidemias, grilagem, garimpo ilegal, pirataria dos recursos biológicos, muita violência e alguns avanços, como foi a Constituinte de 1988 e a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas de 2007. Nesse sentido, o capítulo “Compreender a história é um passo” é de grande valia como material de apoio histórico e pedagógico, uma vez que revisita os vários documentos oficiais sobre a questão indígena, de 1500 aos dias atuais. Esse contexto de lutas exaustivas é refletido no poema “Vai-te Natureza” (2024, p. 27): “Não há mais nada a fazer./ Tudo foi feito/ Tudo foi feito/ (...) Não há mais nada a pedir./ As palavras morreram.../ Meu cansaço e as queimadas.../ Vai-te, sol, cantar em outros lados.” Repare no uso das reticências sugerindo que a luta contra o genocídio e a destruição das matas não têm fim.

No capítulo “Pedagogia da Natureza”, a autora denuncia a política genocida do governo de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), quando cumpre a sua promessa de

campanha, e não demarcou nenhuma terra indígena durante o seu governo. Mesmo em face dessa tragédia representada por um governo negacionista, o tom do livro não abriga ressentimento nem lamentações, pelo contrário, há uma voz entusiasmada que acredita na reconstrução: “Bonito é sorrir ou amar quando uma cachoeira de lágrimas nos cobre a alma!” (Potiguara, 2024, p. 82). Nesse sentido, destaca a importância das lutas em várias frentes: o plano político, reforçado de forma inédita pela bancada do Cocar, formada por cinco parlamentares indígenas eleitos em 2022, que lutam atualmente para barrar o avanço do “marco histórico”; o plano dos movimentos sociais refletido nas Marchas das Mulheres Indígenas; assim como o plano educacional com a educação intercultural e o fortalecimento das escolas indígenas para a preservação da cultura e das línguas ameríndias. Vale destacar que a partir do Censo Escolar de 2022, foi registrada a existência de 3.541 escolas localizadas em território indígena, representado 1,9% das 178,3 mil escolas de ensino básico no Brasil.

No poema “Terra”, ressalta que a ancestralidade é núcleo central da cultura indígena: “A Terra é um organismo vivo/ E fala conosco através das chuvas,/ Dos trovões, da luz do sol”. Dessa visão holística da vida, esquecida pelo paradigma eurocêntrico, emerge uma cultura de paz e de preservação ambiental: “Povos indígenas guardam uma infinidade de experiências em seu cotidiano, como a preservação da cultura, das línguas originárias, da identidade indígena, da natureza, das águas e de uma maneira de viver sustentável.” (Potiguara, 2024, p. 69). E é essa mesma ancestralidade, baseada na cultura oral e na mística dos *xapiris*, que está amparando a recente produção literária indígena.

A própria autora revela que essa recente produção de literatura indígena é uma estratégia de luta no campo do simbólico, repercutindo e alimentando o espaço escolar, com destaque especial para as escolas indígenas. Esse Movimento da Literatura Indígena se configura com maior nitidez a partir da década de 1990. Nesse arco de tempo, vários

nomes se destacam: Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Kaká Werá Jecupé, Graça Graúna, entre outros. Concordamos com a autora, quando afirma: “Nos últimos tempos, a literatura indígena, criada por escritores e professores, tem contribuído muito para a conscientização de quem somos como povos originários, seja nas escolas, seja no próprio movimento indígena” (Potiguara, 2024, p. 91).

O livro ainda apresenta um importante registro sobre o teatro mito-ritualístico, através do professor José Ribamar Mitoso. O capítulo rebate a caracterização demoníaca dos indígenas promovida pela peça teatral **O Auto da Festa de São Lourenço**, escrita pelo padre José de Anchieta. Afirma que um tipo de teatro descolonizado está sendo desenvolvido pelo Grupo Pombal Artes a exemplo das peças **Poronominare**, **Saga Munduruku** e **Cunhã**. Esses gestos alimentam uma política urgente de matriz cultural anticolonial, anticlerical, antimonárquica e antiescravagista.

O livro se encerra com o poema “Oração pela libertação dos povos indígenas” (Potiguara, 2024, p. 109):

Parem de podar as minhas folhas e tirar a minha enxada
Basta de afogar as minhas crenças e torar minha raiz
Cessem de arrancar os meus pulmões e sufocar minha razão
Chega de matar minhas cantigas e calar a minha voz. [...]

Em tempos marcados pelo neoliberalismo, pelo negacionismo, pelo avanço da extrema direita e pelo agronegócio, é fundamental o apoio à luta indígena que prometicamente enfrenta esse paradigma plutocrático. A obra de Eliane Potiguara, amparada em mirada lírica, nos ensina que há uma forma mais inclusiva e holística de viver a vida. Por esse prisma, a literatura indígena, responsável por encarnar no papel a ancestralidade oral de várias etnias, está oferecendo uma contribuição significativa para a defesa da diversidade cultural e da memória dos povos originários.

REFERÊNCIAS

POTIGUARA, Eliane. **Questão indígena brasileira**: visto minha própria pele sem medo. São Paulo: Cultura, 2024, 128 p.

RECEBIDO EM: 29 de maio de 2025
APROVADO EM: 19 de agosto de 2025
Publicado em setembro de 2025